

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v17i33.19671>

## CRIAÇÃO DE NOVAS HISTÓRIAS E PERSPECTIVAS DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA LEGAL

**Nathali Fernanda Machado Silva**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO

E-mail: [nathali.silva@ifro.edu.br](mailto:nathali.silva@ifro.edu.br)

**Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari**

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista – Unesp – São José do Rio Preto

E-mail: [sandra@ifro.edu.br](mailto:sandra@ifro.edu.br)

### Resenha do Livro

DINIZ, Eder Carlos C., SILVA, Romaro Antonio., GUIMARÃES, Maristela Abadia., CAVALCANTI, Natália Conceição S. B. (Org). **Institutos Federais de Educação da Amazônia Legal e suas interfaces com ensino, pesquisa e extensão**. Prefácio de Gaudencio Frigotto. Macapá: Edifap, 2023. 462 p.

---

A coletânea *Institutos Federais de Educação da Amazônia Legal e suas interfaces com ensino, pesquisa e extensão*, organizada pelos professores Eder Carlos Cardoso Diniz (IFRO), Romaro Antonio Silva (IFAP), Maristela Abadia Guimarães (IFMT) e Natália Conceição Silva Barros Cavalcanti (IFPA), reúne textos de pesquisadores, servidores e discentes da rede federal de educação da Amazônia Legal. Com um olhar direcionado à pluralidade étnico-racial, ambiental e social, o livro observa o cenário que se forma por meio do ensino, da pesquisa e da extensão nos IFs da Amazônia Legal, realçando a importância de se fortalecer a pesquisa científica e tecnológica nessa região do Brasil. A problematização do livro é gerada a partir da produção de novas interfaces e discussões contra as narrativas neoliberais e fascistas que assombraram a

Amazônia e o país nestes últimos anos, de modo que é possível captar o seu objetivo: o de promover novas perspectivas no que concerne à complexidade da Amazônia, seja sobre os pilares ambientais, seja sobre os culturais ou étnico-raciais, considerando o quadro de constantes transformações nos limites da Amazônia Legal, que, por sua vez, decorrem de mudanças na divisão política no país.

Compreendidos em 24 capítulos, os artigos da coletânea são organizados por temáticas que impulsionam a reflexão sobre as desigualdades sociais, o racismo estrutural, a norma da branquidão na escola, as concepções que surgem mediante a pandemia da Covid-19, as técnicas de ensino e aprendizagem em territórios que produzem e vivem uma cultura distante dos grandes centros urbanos e as questões da colonialidade e seus reflexos. As produções também apresentam um zelo pelas concepções linguísticas e literárias, com o intuito de provocar em seus leitores a geolocalização política e ideológica em que “[...] os sujeitos encontram a esperança de se fazerem compreender ao compreenderem o que lhes imprimem como pessoas, como grupo, como profissionais” (p.18).

Os quatro primeiros capítulos são densos e provocam uma reflexão interseccional sobre cinema, representatividade preta no audiovisual, saúde pública e aprendizagem significativa. Pode-se compreender com esses textos inaugurais da coletânea que a sociedade continua em processo de emancipação do racismo estrutural, principalmente em locais em que o estilo de vida das metrópoles não é performado pela indústria do cinema e pelas representatividades de pessoas pretas no audiovisual. Isso, porque a herança herdada do racismo estrutural fortaleceu o memoricídio dos povos negros e a ausência de representatividade nos mais diversos espaços da sociedade. Consequentemente, uma alfabetização científica e diversas práticas educativas foram influenciadas a reverberar o distanciamento promovido pela desigualdade social; porém, se forem redefinidas a partir de novas perspectivas, com recursos variados para tal, é possível produzir, como apresenta o quarto artigo, uma aprendizagem significativa interligada a região, cultura, vivência e contextos em que a sociedade está imersa.

Os quatro capítulos seguintes discutem os reflexos gerados pela pandemia da Covid-19 no processo de ensino e aprendizagem dos professores de Institutos Federais, que precisaram adequar-se às consideradas “novas” tecnologias digitais da informação e da comunicação para configurarem novas subjetividades profissionais docentes. Especialmente no capítulo 5, os autores relatam experiências com o uso de *lives*, durante o período pandêmico, como projeto de

extensão do curso de Arquitetura, no IFRO (campus Vilhena), com o objetivo de difundir diálogos e experiências no conhecimento de Arte e História, bem como o de produzir no leitor uma reflexão sobre o processo de formação desses arquétipos mesclados em contextos de luto, de diferenças sociais e de produção de conhecimento por outras plataformas com largo alcance de nichos. Ainda nesse sentido, os autores argumentam a respeito dos investimentos políticos e econômicos na educação para o desenvolvimento social, tanto na Amazônia quanto no Brasil. Assim, o texto permite criar questionamentos a respeito do retrocesso instaurado pela reforma do Novo Ensino Médio, pontuando o prejuízo para as escolas rurais, quilombolas e de assentamentos, colocadas à margem da não ascensão social.

Os cinco capítulos seguintes conseguem gerar um contexto de continuidade com as produções de epistemologias e de conhecimentos científicos a partir da Amazônia Legal (objeto estabelecido como proposta desde o início do livro), levantando questões como: o tratamento da educação ambiental por meio de trilhas educacionais, os projetos de extensão que fomentam a compreensão dos conceitos permeados pela educação ambiental, o contato com a natureza e os conhecimentos formados a partir dela, entre outros. No âmbito da produção de conhecimento, é abordada em forma de ensaio a preocupação com a continuidade das produções acadêmicas durante o período do isolamento social, considerando que “[...] todo conhecimento deve ser igualmente importante” (p.201).

É possível identificar que a coletânea foi capaz de abraçar necessidades de diferentes públicos em seus artigos, por abordar temáticas variadas sem perder o aprofundamento em cada uma delas. Além dos tópicos já citados nesta resenha, outras abordagens são significativas à composição do livro, tais como a investigação e a experimentação do uso de tecnologias digitais e dos recursos que viabilizam o empreendedorismo para idosos, a necessidade de a Educação Física estar atrelada aos contextos profissionais dos alunos do IFTO para produção de uma aprendizagem significativa, e a análise cultural da Festa do Divino Espírito Santo, que promove aos leitores importantes pontos de discussão acerca dos reflexos da colonialidade e impactos das relações de poder implícitas na sociedade.

Nos capítulos seguintes, o leitor encontra informações pouco conhecidas acerca do uso de materiais alternativos para preservação e manutenção do meio ambiente, principalmente na Amazônia – como a utilização de ossos de peixes para a confecção de cerâmicas. Neste sentido, em alguns artigos a frente, o leitor reencontra o tratamento de temas ambientais, precisamente

no que se refere a compreender os danos ambientais e a produção de conhecimentos científicos a respeito dos aterros sanitários e das consequências do seu mau gerenciamento. Sem desfazer a linearidade e a coerência entre as temáticas, os autores promovem também uma discussão em relação à desmistificação de práticas pedagógicas brancocentradas, fundamentadas no eurocentrismo e no racismo epistemológico, e apresentam formas de substituir a branquidade do espaço escolar por ações em que o ensino seja afrocentrado. Somando essas temáticas, o livro provoca um questionamento acerca do que já vem acontecendo há alguns anos na Amazônia e que reflete o distanciamento dos alunos indígenas às práticas escolares: a falta de representatividades indígenas no quadro de docentes das escolas de comunidades indígenas.

Por abordar temáticas variadas, a coletânea também discorre sobre as necessidades da imersão para aprendizagem de uma língua, exemplificando o ensino da língua inglesa por meio de materiais didáticos e lúdicos que estimulam as crianças à aquisição da linguagem e à aprendizagem mais efetiva. Ainda, na perspectiva da Linguística e da Arte, um dos artigos finais chama a atenção para a necessidade de se compreender as dimensões do mundo por meio da leitura literária e dos efeitos que ela produz nas subjetividades, porque acabam formando novos perfis de professores, até possíveis ferramentas de diálogo com o mundo digital.

Portanto, o livro aqui resenhado é um convite para entender os Institutos Federais de Educação da/na Amazônia Legal como espaços de grandes produções discursivas, experimentais e de saberes técnicos e científicos – esses espaços são também responsáveis por moldar a estrutura de produções epistemológicas e culturais de pesquisas feitas a partir das subjetividades, das compreensões e dos contextos experienciados nessa região. A coletânea contribui para a criação de novas perspectivas acerca do mundo que se faz na Amazônia, assim como incomoda o leitor quanto ao comprometimento com produzir consciências sociais. Além disso, o material se torna uma importante fonte de pesquisa dentro e fora do ambiente acadêmico, quando se trata das temáticas em torno de dúvidas futuras que delimitaram o pós-pandemia, técnicas utilizadas como reflexos da colonialidade e complexas discussões relacionadas aos estudos culturais, de gênero, de raça e etnias na Amazônia e no Brasil.